

REVISTA

FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

O currículo como prática do enfrentamento ao fracasso escolar

Adriana das Graças Bressanini

Ismael Fernandes dos Anjos

Simone Lucinda Cordiro Beijo

Tatielly Angelina Pires

Eraldo Carlos Batista

O currículo como prática do enfrentamento ao fracasso escolar

Adriana das Graças Bressanini¹

Ismael Fernandes dos Anjos¹

Simone Lucinda Cordiro Beijo¹

Tatielly Angelina Pires¹

Eraldo Carlos Batista²

RESUMO: O desenvolvimento dos currículos nas escolas é pensado na perspectiva da promoção de uma educação de qualidade para todos e todas. Ao considerarmos a diversidade cultural e as diferenças de classes sociais, nas quais estão inseridos os alunos, sobretudo aqueles da escola pública, a elaboração do currículo precisa ter como ponto de partida uma perspectiva multicultural que contribui no auxílio da identificação de possíveis problemas de aprendizagem que levam ao insucesso escolar do aluno. Este trabalho teve por objetivo refletir sobre o currículo como prática do enfrentamento ao fracasso escolar. A partir de uma perspectiva psicológica é possível inferir que o currículo escolar ainda é pensado pela e para a classe dominante desconsiderando que o desempenho escolar se dá também pela posse do capital cultural apreendido e internalizado pelo indivíduo no seu ambiente social. Da mesma forma, o currículo pode se constituir como o elo facilitador da aprendizagem escolar e do mundo cultural da criança no enfrentamento ao insucesso escolar. Conclui-se então que o professor tem como papel fundamental repensar e contextualizar suas práticas didáticas e pedagógicas com o objetivo de combater as dificuldades escolares.

Palavras-chave: Insucesso escolar. Currículo. Escola.

The curriculum as a practice of counseling to school failure

ABSTRACT: The development of curricula in schools is thought of in the perspective of promoting a quality education for all. When considering cultural diversity and the differences of social classes in which students are inserted, especially those of the public school, curriculum development must have as its starting point a multicultural perspective that contributes to the identification of possible learning problems that lead to student failure. This study aimed to reflect on the curriculum as a practice of coping with school failure. From a psychological perspective it is possible to infer that the school curriculum is still thought by and for the ruling class, disregarding that the school performance is also due to the possession of the cultural capital seized and internalized by the individual in his social environment. In the same way, the curriculum can be the link between school learning and the cultural world of the child in the face of school failure. It is concluded that the teacher has a fundamental role to rethink and contextualize his didactic and pedagogical practices in order to combat school difficulties.

Keywords: School failure. Curriculum. School.

¹ Acadêmicos do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

² Professor Substituto do Departamento de Educação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

INTRODUÇÃO

Desde a “Descoberta do Brasil”, o sistema educacional brasileiro se configura nas mais diversas facetas existenciais. Assim sendo, desde a chegada da Companhia de Jesus, cujos membros eram os Jesuítas, e fundado por Inácio de Loyola, o qual trouxe consigo um dos primeiros métodos pedagógicos, o *Ratio Studiorum*³.

De acordo com o manual de organização e administração escolar, esse método tinha por objetivo garantir a universalidade da ordem, uma vez que a função principal da Companhia de Jesus, não era o ensino em si, mas sim a catequização dos indígenas. Por isso era visto como uma comunidade religiosa e não científica. No método *Ratio*, os principais objetivos eram: o estudar, disputar e repetir, na qual as didáticas eram as lições de cor e os desafios, esses apenas para os filhos da classe elitista.

Mediante dos fatos ocorridos dos primeiros traços da educação escolar desde a expulsão dos jesuítas em solos brasileiros em 1759, leva-nos a indagar: quais foram as mudanças na educação escolar? Poderíamos elencar alguns avanços como a inclusão da mulher na escola, do negro, do índio entre outros. Ainda acrescenta-se a conquista a partir da regência promulgada pela Constituição da República Federativa do Brasil de (1988) através do seu artigo 205, o qual garantiu a educação como direito de todos e dever do Estado e da família. Mas será mesmo a educação um direito de todos?

Partindo desta problemática buscaremos refletir a partir do olhar de alguns autores que debatem sobre o currículo educacional, o fracasso escolar e a escola pública. Nessa direção, discutiremos as teorias do sistema de ensino, a saber aquelas denominadas reprodutivistas e seus respectivos mentores, que ainda fazem parte dos modelos de ensino das escolas públicas do Brasil. Cabe ressaltar que não é nossa pretensão fazer aqui uma análise exaustiva dessas teorias, bem como o currículo escolar e sua relação com o fracasso escolar. O que será apresentado será meramente reflexões e apontamentos de caminhos que contextualizam as formas de lidar com o insucesso acadêmico do aluno.

³ A *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesus* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus), o *Ratio Studiorum* é considerado muito mais que um método pedagógico, trata-se de um código de leis que tinham por incumbência nortear as atividades de cunho pedagógico dentro dos colégios da companhia de Jesus. Sendo assim, um documento norteador “das atividades pedagógicas e de catequização da Companhia de Jesus, por quase dois séculos, até a extinção da ordem em 1773” (NETO; MACIEL; LAPOLLI, 2012, p.277).

A educação do sistema brasileiro é, e sempre foi dividido por classes, estes fatos nos remetem ao grande vilão da atualidade, o dito “fracasso escolar”, na visão dos fatos em que, a própria escola é excludente com aqueles nos quais possuem capital cultural diferente dos preconizados pela sociedade moderna. No entanto, para que esses alunos sejam inseridos no processo de ensino e aprendizagem de forma igualitária são lhes oferecidos um ensino mecanizado, visando apenas que estes sejam preparados para o mercado de trabalho.

Se relacionarmos fracasso escolar e pobreza é notório que a ideia de culpa desse fracasso seja do aluno, no entanto, essa seria uma análise simplista, visto que outras questões podem e devem ser consideradas como influenciadoras do insucesso do aluno. Dentre essas destaca-se a má qualidade de ensino, as práticas pedagógicas escolares, as diversas formas de violência simbólica que essas crianças sofrem, bem como os preconceitos de estereótipos presentes na vida acadêmica do aluno entre outros.

Muitas vezes a maior queixa escolar é simbolizada como uma dificuldade a qual o aluno da classe considerada inferior é submetido. Nesse sentido, é possível pensar que as relações de ensino e aprendizagem estão entrelaçadas na posição social, ou seja, o capital cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2011). Nesse sentido, percebe-se, que essa falta de capital cultural, é produzido pelos membros da família e posteriormente reproduzidos na sociedade. Isso nos remete a inferirmos que os alunos pertencentes às classes sociais com maior poder aquisitivos terão mais sucesso acadêmico do que aqueles da classe operária.

Quanto aos aspectos metodológicos este ensaio primou-se pela pesquisa bibliográfica, utilizando-se de alguns autores e suas contribuições quanto a identificação de possíveis dificuldades de aprendizagem do aluno e suas causas. De acordo com Vergara (2009), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à temática.

Com a finalidade de compreender os fatores relacionados com as dificuldades de aprendizagens que levam ao baixo rendimento acadêmico do educando, este trabalho teve por objetivo refletir sobre o currículo como prática do enfrentamento ao fracasso escolar.

DESENVOLVIMENTO

As teorias crítico-reprodutivistas

A escola ao assumir o papel protagonista da educação passa ser compreendida como um espaço institucional vinculado ao objetivo de difusão de conhecimentos sistematizados pela humanidade. Nesta perspectiva, pensar a educação voltada para a singularidade humana, se faz necessário a compreensão das concepções que constituem esses espaços formativos (FORTES, 2012). Sendo assim, busca-se a seguir refletir sobre os referências teóricas que dão suporte as teorias crítico-reprodutivistas.

Logo, as três teorias do sistema de ensino denominadas como crítico-reprodutivistas são: Teoria da escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado de Althusser (2014), Teoria da escola dualista de Baudelot e Establet, (1971) e a Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica de Bourdieu e Passeron (2011).

A teoria Aparelho Ideológico do Estado de Althusser (2014) tem como pressupostos as formas de dominação exercidas pelo Estado. De acordo com o autor, “o governo possui duas formas de dominação: a repressiva que se dá pelo uso da violência e a ideológica que se configura no âmbito familiar, nas igrejas, na mídia, nos partidos políticos, nas escolas [...]” (ALTHUSSER, 2014, p. 43 e 44). Para o autor, a função da escola não será um caso isolado, uma vez que ela é a detentora da sociedade capitalista, pois a instituição apenas reproduz as ideologias das classes dominantes, ao mesmo tempo que seu saber é ensinado de forma prática dentro de uma ideologia representativa.

Por meio da ideologia, a exploração é mascarada e os valores da burguesia passam a ser considerados universais, não mais valores de determinada classe, impedindo o pensar do trabalhador. De outra maneira, observa-se que existe uma incongruência nas ofertas de oportunidades, onde:

A classe trabalhadora é marginalizada quando a escola não oferece chances iguais para todos, mas, ao contrário, determina de antemão a reprodução da divisão das classes sociais. Além disso, pela abrangência de sua ação, inculca a ideologia dominante e impede a expressão dos anseios da classe dominada (ARANHA, 2006, p. 255).

Entende-se, a partir de então, que nas escolas a ideologia manifesta ao capitalismo segue a sua identificação na educação voltada ao trabalho, uma vez que o alvo desse manifesto será os filhos das classes dos proletariados. Por outro lado, os filhos das classes mais favorecidas, recebem uma educação voltada ao status de poder e prestígio, geridos no poder capitalista.

A segunda teoria é da escola dualista de Baudelot e Establet, (1971), também é conhecida como teorias crítico reprodutivistas, ou apenas como escola reprodutora das relações sociais (SAVIANI, 2011). Para Baudelot e Establet, (1971), todos vivem em uma sociedade dividida em classes, e por conta disso, é impossível que se tenha uma escola única já que a distância entre essas classes tem a ver com as condições sociais vividas por cada uma.

Ou seja, com certas semelhanças das teorias citadas acima, esta destaca a divisão da escola em duas grandes vertentes: uma escola para a burguesia e a outra para o proletariado. Por causa dessa divisão reforça-se a força de trabalho e a assimilação da ideologia da classe burguesa, pois, uma qualifica o trabalho dos ditos como intelectuais (burgueses) e a segunda é desqualificada pelo trabalho manual no caso os (proletariados).

Para Establet e Baudelot, (1971) se vivemos em uma sociedade dividida em classes, não é possível haver uma escola única. Existem na verdade duas escolas totalmente diferentes, antagônicas em todos os sentidos. As duas grandes redes de escolaridade são a secundária superior (SS) e a primária profissional (PP), que corresponde a divisão da sociedade proletária e burguesa. Dessa maneira, presume-se que o reflexo desse modelo de ensino alcança seu objetivo final na formação do sujeito no ensino superior. Enquanto a classe dominante garante a inserção dos seus filhos nos cursos de maiores visibilidades nas melhores universidades, os alunos das classes menos favorecidas parecem estar destinados aos cursos tecnológicos e/ou os cursos oferecidos pelas Instituições Privadas. Nesse caso, a escola funciona como reprodutora das divisões de classe.

A terceira infere-se na Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica de Bourdieu e Passeron. De acordo com os autores “todo o poder de violência simbólica, isto é, todo poder chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força [...]” (BOURDIEU; PASSERON, 2011, p. 19). Essa reforma por dissimulação das relações, destaca a dominação cultural das classes menos favorecidas.

Nesta ótica entende-se que a dominação social das classes menos favorecidas e dos grupos marginalizados, ocorre pela força material e a dominação cultural, por estes não possuírem força simbólica.

Os *habitus* são inculcados desde a infância por um trabalho pedagógico realizado primeiro pela família e, posteriormente, pela escola, de modo que as normas de conduta que a sociedade espera de cada indivíduo sejam interiorizadas por ele. Ora a educação familiar das crianças vindas das classes privilegiadas é muito próxima daquela que receberão na escola, isto é, seus hábitos familiares são semelhantes aos hábitos e ritos escolares. São crianças acostumadas a viagens, visitas a museus, contato com livros, discussões, além de ter o domínio da linguagem que é adotada na escola (ARANHA, 2006, p. 253).

Sendo assim, a escola e os *hábitus* são os instrumentos da inculcação dessa violência simbólica, ao reproduzirem nas práticas pedagógicas os conteúdos veiculados ao currículo à classe burguesa, os privilégios que os favorecem a viverem socialmente, pois, estes estão dotados de capital cultural. Mais uma vez, nota-se a reprodução da divisão de classe, pois fica evidente que os filhos da classe burguesa terão mais sucesso nos estudos do que os filhos da classe dos proletariados, pois, já que os *hábitus* destes não se assemelham aos da classe burguesa, uma vez que não possuem capital cultural suficiente para o mesmo saber.

A escola o fracasso escolar e o currículo: alguns recortes

A escola é um instrumento de modelagem do aluno, o modelo que se pretende chegar de alguém adestrado ao que lhe é imposto, e o currículo é o instrumento que proporciona essa prática de modelar esse educando. Por meio de reproduções inculcadas pelo professor, e pelas práticas curriculares.

Nessa direção, Moreira e Silva (2002, p. 10), pontuam que:

A escola foi, então vista como capaz de desempenhar papel de relevo no cumprimento de tais funções às transformações econômicas, sociais e culturais que ocorria. Na escola, considerou-se o currículo como o instrumento por excelência de controle social que se pretendia estabelecer.

No entanto, o currículo pode ser entendido o como um mecanismo de exclusão, pois é notório que sua formulação é engajada pela elite, e posteriormente para a classe dos proletariados, sendo este, apenas um método de formação educacional tecnicista. Reitere-se a preocupação maior do novo enfoque: entender a favor de quem o currículo trabalha e como fazê-lo trabalhar a favor dos grupos e classes oprimidos (MOREIRA; SILVA, 2002, p.16).

Assim sendo, o currículo é um instrumento político que se vincula à ideologia, pois, é pensando pela e para a classe dominante, o qual os conteúdos elaborados não condizem com a realidade do aluno da classe subalterna. E por sua vez, este aluno não consegue incorporar o que lhe é passado, ficando excluído dos demais.

A ideologia, nessa perspectiva, está relacionada às divisões que organizam a sociedade e às relações de poder que sustentam essas divisões. O que caracteriza a ideologia não é a falsidade ou verdade das ideias que veicula, mas o fato de que essas ideias são interessadas, transmitem uma visão do mundo social. A ideologia é essencial na luta desses grupos situados em uma posição de vantagens que lhes advêm dessa posição privilegiada. É muito menos importante saber se as ideias envolvidas na ideologia são falsas ou verdadeiras e muito mais importante saber que vantagens relativas e que relações de poder elas justificam ou legitimam. A pergunta correta não saber se as ideias veiculadas pela ideologia correspondem à realidade ou não, mas saber a quem beneficiam (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 24).

Nesse sentido, a repetência e até mesmo a evasão escolar, podem ser entendidos como fatores existenciais agravantes que levam ao insucesso escolar do aluno. Assim sendo, a base curricular da educação deverá ser pensada juntamente com os conteúdos possíveis de serem aplicados. Deve incluir aqueles que levam em consideração os aspectos negativos da vida do indivíduo, como problemas emocionais e familiares, os problemas sociais, que apresentam como base da interferência quanto ao desenvolvimento desse aluno.

A formulação de bons projetos educacionais é fundamental no combate às desigualdades sociais.

As profundas relações entre currículo e produção de identidades sociais e individuais, tantas vezes destacadas na teorização crítica, têm levado os educadores e educadoras engajados nessa tradição, a formular projetos educacionais e curriculares que se contraponham às características que fazem com que o currículo e a escola reforcem as desigualdades da presente estrutura social. Neste contexto, tem havido uma certa tendência a vincular currículo e construção da cidadania e do cidadão (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 33 e 34).

Assim sendo, a escola é a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo (SAVIANI, 2011). E aqui nós podemos recuperar o conceito abrangente de currículo: organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares. Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhada a função que lhe é própria.

Logo, a educação é vista como um veículo de transmissão de conhecimentos, e não deve ser usada como meio de levar esses indivíduos a alienação, e sim, um meio formar pessoas pensantes que conhecem seus valores e direitos.

Possíveis causas do fracasso escolar

O fracasso escolar no Brasil se tornou um dos fatores mais discutidos no sistema educacional. De acordo com Patto (2010), o sistema escolar relaciona-se entre a própria organização e o ambiente social na qual ele está inserido, sendo este incluído na categoria dos sistemas abertos.

Nesse sentido, buscamos refletir sobre as condições atuais das instituições públicas de ensino do Brasil como parte desse sistema escolar. A falta de estrutura adequada, escassez de material didático, corpo docente com horas sobrecarregadas, baixa remuneração e o não apoio por parte dos governantes são alguns dos fatores presentes no cotidiano dessas escolas. Além desses aspectos operacionais (negativos) que permeiam o ambiente escolar, questões ideológicas, relacionais, didáticas e pedagógicas e de caráter curriculares também fazem parte de um conjunto de indicadores que podem explicar a produção do insucesso escolar do aluno.

Do ponto de vista socioeconômico, a escola enquanto instituição envolve todas as classes sociais. Entretanto, muitas vezes ela apropria e valoriza a classe dominante por meio de métodos e conteúdo que são característicos dessa classe.

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim o aluno oriundo das classes dominadas encontra padrões culturais que não são os seus, e os mesmos lhe são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são, ou ignorados como inexistentes ou desprezados como errados (SOARES, 2017, p. 15).

A valorização da cultura da classe dominante no ambiente escolar pode ser percebida através dos conteúdos que compõem o currículo brasileiro atual. Em muitos casos, a dificuldade de aprendizagem do aluno está relacionada a sua incompreensão dos conteúdos que lhes são impostos. Isso se dá pelo fato de que nem todos os alunos têm acesso à cultura burguesa, fonte de exemplos em materiais didáticos pedagógicos utilizados na escola, subestimando muitas vezes a cultura popular das classes de baixo poder aquisitivo.

A supervalorização da cultura vigente das classes dominantes no sistema escolar tem como consequência a desvalorização da própria cultura e conhecimento prévio do aluno. Em outras palavras, a escola assume o papel de reprodutora da ordem social de divisão de classes onde os subalternos mentem-se excluídos:

Se não é fácil perceber simultaneamente a autonomia relativa do sistema de ensino e sua dependência relativa à estrutura das relações de classe, é porque, entre outras razões, a percepção das funções de classe dos sistema de ensino está associada na tradição teórica a uma representação instrumentalista das relações ente a Escola e as classes dominantes, enquanto que a análise das características de estrutura e de funcionamento que o sistema de ensino deve à sua função própria tem quase sempre tido por contrapartida a cegueira face às relações entre a Escola e as classes sociais, como se a comprovação da autonomia supusesse a ilusão da neutralidade do sistema de ensino (BOURDIEU; PASSERON, 2011, p. 204).

Neste sentido, a escola por meio de seu sistema de ensino funciona como mecanismo que contribui direta e/ou indiretamente para a reprodução da discriminação de classes, que exclui e dificulta o processo de aprendizagem desses alunos. Conseqüentemente, enquanto os alunos pertencentes às classes desfavorecidas são levados ao fracasso escolar, a ascensão daqueles pertencentes às classes dominantes parece estar garantida no meio escolar e social.

Sendo assim, o enfrentamento do fracasso escolar, termo visto como um fantasma frente a atualidade educacional, vai além de mudanças no plano didático/pedagógico é preciso uma reorientação reflexiva sobre o papel social da escola. Sem mudanças nas atitudes nas políticas sociais educacionais, o fracasso escolar continuará a existir.

Há problemas em nossas escolas que nos perseguem como um pesadelo. Não há como ignorá-los, nem fugir deles. Entre os pesadelos constantes está o fracasso escolar. Alguém dirá, mas está quantificado: altas porcentagens de repetentes, reprovados, defasados [...] O fracasso escolar passou a ser um fantasma, medo e obsessão pedagógica e social. Um pretexto. Uma peneira que encobre realidades mais sérias [...]. Quanto se tem escrito sobre o fracasso ou sobre o sucesso e a qualidade, seus contrapontos, e continuamos girando no mesmo lugar (ARROYO, 2000, p. 33).

A escola enquanto local de produção e reprodução de conhecimento deve ser pensada e adequada como espaço de socialização das experiências de vida entre seus atores que tem como finalidade a formação de cidadãos críticos. Contudo, ao contrário do que foi postulado, estamos submersos a esteira da cultura do fracasso escolar, que legitima e reforça as contradições da sociedade capitalista como afirma Patto (2015), mantendo assim, o sistema de reprodução cultural dominante.

O fracasso escolar numa perspectiva psicológica

Como visto anteriormente, o fracasso escolar pode estar relacionado a vários fatores como as questões socioeconômicas, a relação aluno/escola e aluno/professor, problemas

orgânicos e/ou psicológico, entre outros, os quais podem afetar o desempenho escolar do aluno, levando-o à repetência (BATISTA; MANTOVANI; NASCIMENTO, 2015). No entanto, ainda é muito presente o discurso entre educadores que atribui o fracasso como exclusividade de responsabilidade do educando, tendo como causa os aspectos orgânicos biologizante, como se percebe aqueles que utilizam de uma perspectiva de abordagem psicologista.

Para os defensores dessa corrente de pensamento:

[...] a explicação para o fracasso escolar está vinculada as diferenças individuais na capacidade de aprender dos alunos, por serem indivíduos portadores de déficits mentais, sensoriais, neurológicos ou mesmo afetivos. É uma abordagem perversa já que depreciar as capacidades cognitivas das camadas populares e dissimula uma compreensão social mais ampla ao fracasso escolar (OLIVEIRA, 1999, p. 5).

Existem dois mundos que se manifestam em vários níveis na vida dos indivíduos; o mundo interior que é o mundo complexo em que se manifesta as relações sociais. Esse mundo interior determina como cada educando irá aprender e assimilar cada conteúdo que lhe é ensinado trata-se dos estados patológicos no qual as divergências de pensamentos explicam a princípio pelo interior de cada um.

E esses conteúdos de aprendizagens se inserem no interior de cada um desses educando de formas divergentes e essa aprendizagem irá se incorporar com as aprendizagens anteriores que foram assimiladas em diferentes ambientes, sendo eles em ambiente escolar, familiar ou social: A aprendizagem se insere naquele quadro-psicológico de cada um; dá-se a partir das vivências internas. Ela é, no fundo, a incorporação ao eu anterior de elementos assimilados do ambiente (SAVIANI, 2012).

Essa assimilação de aprendizagem pode variar de acordo com alguns acontecimentos que envolvem fatores psicológicos que irão modificar a visão desses alunos relacionada a alguns aspectos educacionais. Dessa forma, as experiências negativas associadas as diferenças culturais vividas pelo aluno durante as aulas poderão ocasionar a não aceitação dos conteúdos ou assuntos abordados, o que não significaria que este educando é menos capaz que os demais. Neste sentido, cabe a escola pensar o processo de ensino do educando não só a partir de uma perspectiva educacional, mas também psicológica.

O educador e o método de alfabetização

A investigação sobre alfabetização começava e acabava em torno de uma pergunta: como se deve ensinar a ler e escrever? A crença implícita que o processo de alfabetização começava e acabava entre as quatro paredes da sala de aula e que a aplicação correta do conteúdo já garantia ao educador o processo da alfabetização (FERREIRO, 2011). No entanto, questiona-se algumas concepções quanto ao conceito de otimismo para com a educação, criando assim uma falsa ideologia de que o educador pode ser mais democrático frente à sua prática pedagógica, em que o mesmo se manifesta de forma superficial ao currículo.

Dessa maneira, em uma diferente perspectiva e em uma postura/atitude distinta:

[...] o pessimismo pedagógico tenta revelar as artimanhas, inconscientes ou não, do otimismo na educação, do modo como este se manifesta na prática de ensino e nos debates pedagógicos atuais, reais e imanentes. Nessa manifestação —empírica ele pode agir. Para tal, busca desvelar os arroubos políticos e discursivos que têm —o fim em si mesmos, suspeitar do —altruísmo das pedagogias da facilitação e do ressentimento responsáveis por concepções e práticas —pedagógicas complacentes, facilitadoras e compensatórias. Tenta, também, mostrar que o otimismo pedagógico, por não compreender o caráter propedêutico (para além de si mesmo) e epistemológico do sofrimento na relação ensino-aprendizagem e por não ter o entendimento ou a vontade política de entendimento de que o processo de conhecer e aprender se dá na superação (peleja!) das adversidades, é incapaz de produzir espíritos autônomos, críticos e competentes (SILVA, 2011a, p. 119).

A medida em que um número maior de crianças começou a ter acesso à educação, o fracasso escolar também passou a ser destacados nas instituições escolares. Diante do crescente número de reprovações da ausência de instrumentos para investigar e repensar as práticas educacionais, iniciou-se, então uma caça culpados. Não é de se admirar que o aluno passa a ser o protagonista da sua incapacidade, passando a ser ele e somente dele a culpa pelo seu fracasso.

Nas palavras de Ferreira (2009), a expressão fracasso escolar pode ser entendido como: desgraça; desastre; ruína; perda; mau êxito; malogro. Então, fracasso escolar seria o mau êxito na escola, caracterizado, na compreensão de muitos, como reprovação e evasão escolar. Consideramos essa expressão em seu sentido mais amplo: além da reprovação e da evasão, a aprovação com baixo índice de aprendizagem, retratado nas escolas pela aprovação por Conselho de Classe. Este tipo de procedimento traz grande preocupação, pois significa que o aluno estaria reprovado, já que não aprendeu o mínimo necessário para aprovação.

Desse modo, o insucesso escolar também pode estar atrelado à forma excludente a que é submetido o aluno com baixo rendimento (BATISTA; MANTOVANI; NASCIMENTO, 2015).

Assim, o que parece é que o fracasso escolar ainda continuará presente no meio acadêmico, já que é possível compreender que,

Que é possível compreender que o Fracasso Escolar continua ao longo da história da escola pública brasileira e parece estar longe do fim, às ações já desenvolvidas na tentativa de sua superação. Algumas das explicações que se tem utilizado para o mesmo nos meios escolares e na sociedade, em nada têm ajudado para mudar essa situação, pois as explicações baseiam-se em mitos construídos sob forte influência ideológica. Esses problemas já deveriam ter sido superados, mas permanecem até os dias atuais, e percorrem na prática pedagógica dos professores como justificativa deste fracasso (PATTO, 2015, p. 44).

Nesse sentido, observa-se que o fracasso escolar representa uma falha no atual modelo de ensino adotado pelo estado, onde a reprovação do aluno, ao que tudo indica, é reflexo unicamente de suas limitações. O que parece é que as falhas do sistema educacional são transferidas para o aluno em forma de fracasso escolar, tendo como consequência psicológica o sofrimento do educando por ser responsabilizado por algo que não produz (FERREIRO, 2011).

Diante do que foi exposto, é preciso pensar a constituição da escola, nas palavras de Oliveira, Batista e Ferreira (2016), como principal espaço para o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia individual do aluno enquanto indivíduo e sujeito pertencente a um grupo social. Acrescenta-se ainda, segundo Batista e Matos (2016), que os recursos pedagógicos utilizados pelo professor para obter a eficiência no processo de ensino/aprendizagem do aluno, como: processo avaliativo e o clima emocional estabelecido na classe através da relação professor/aluno, só para citar como exemplos, sempre se dão de forma dialógica da qual esses se comunicam e se influenciam mutuamente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões abordadas, é importante destacarmos que desde os primeiros momentos do período colonial, até os dias atuais, entre tantas reformas educacionais em nenhum governo foi promulgado os avanços de investimentos para com a educação. Destaca-

se ainda que, a educação, para que se obtenha um ensino de sucesso *sine qua non* que haja a reformulação do currículo educacional, pensando a realidade dos alunos oriundos da classe subalterna. Assim sendo, no currículo deve estar presente conteúdos que leve em consideração *a priori* o nível de capital cultural desses educandos, para que posteriormente esses alcancem outros níveis de conhecimento.

Quantos as teorias do sistema de ensino abordadas nesse texto, elas relacionam-se entre si, norteadas a implantação de um modelo de ensino, no qual o sistema capitalista é demonstrado na realidade atual. Portanto, o que hoje se vê, não difere das décadas anteriormente citadas, em que a educação se consistia um “direito de todos”, pois, o ensino continua subdividido por classes. Isto é, se referirmos aos filhos das classes menos favorecidas, relacionando-os ao fracasso escolar, no qual são implantados nas grades curriculares cursos técnicos e profissionalizantes, e assim visando um futuro mecânico de mão de obra qualificada.

Pode-se assim concluir que, toda ação pedagógica é seguida como forma de objetivar uma violência simbólica, assim imposta por um poder ao arbitrário cultural. Nesse sentido, o professor ao longo de sua atuação, apresenta-se meramente um reprodutor dos mecanismos de reprodução do sistema capitalista. Nesse sentido, fazemos menção nas nossas conclusões as afirmativas de Batista, Luz e Brum (2015), de que todo aluno possui capacidade de desenvolver habilidades criativas, de resolverem problemas, entre outros. Alguns são autodidatas, mas outros, no entanto, necessitam de ajuda para trilhar novos caminhos e é justamente para o desenvolvimento desse aspecto que o professor deve estar qualificado a contribuir de forma efetiva. Em outras palavras o professor, ao desempenhar sua atividade, precisa acreditar nas potencialidades dos alunos, assim como incentivar o desenvolvimento escolar deles (ALMEIDA et al., 2017).

Dessa maneira, é possível afirmar que cabe, então ao professor repensar e contextualizar as suas práticas pedagógicas, fazendo a utilizar-se de sua didática e refletir sobre o ensino e aprendizagem de seus alunos. Ou seja, os educadores precisam colaborar para instituição da escola como espaço de aprendizagem para todos os alunos, problematizando o currículo escolar, os momentos de formação, planejamento, os processos de avaliação, as relações estabelecidas nesse cotidiano entre outros (GUIMARÃES; BATISTA; BATISTA, 2017).

Isso significa fazer a diferença na vida dos alunos, para assim romper com o paradigma do sistema, em que o fracasso escolar se de responsabilidade unicamente do aluno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. C. C. et al. Habilidades sociais de professores de uma escola estadual de ensino fundamental do interior de Rondônia. **Unoesc & Ciência-ACHS**, v. 8, n. 1, p. 71-80, 2017. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/10981>>. Acesso em: 25 jan. 2018.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Editora Presença Ltda., Lisboa/Portugal, 2014.
- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. 3ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora Moderna, 2006
- ARROYO, M. G. Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em Aberto**, Brasília, v.17, n.71, p. 33-40, jan., 2000. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2100/2069>>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- BATISTA, E. C.; MANTOVANI, L. K. S.; NASCIMENTO, A. B. Percepção de suporte familiar de alunos com histórico de reprovação escolar. **Debates em Educação**, v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/1342>>. Acesso em: 17 jan. 2018.
- BATISTA, E. C.; DE MATOS, L. A. L. O trabalho docente no ensino superior e a saúde vocal: um estudo de revisão bibliográfica. **Estação Científica (UNIFAP)**, v. 6, n. 2, p. 67-77, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/2131>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- BATISTA, E. C.; LUZ, E. N.; BRUM, A. L. O. Autopercepção sobre as práticas docentes para o desenvolvimento da criatividade em uma instituição de ensino superior da Amazônia. **Revista Intersaberes**, v. 10, n. 21, p. 595-612, 2015. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/769>>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do Sistema de Ensino. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. **Texto Constitucional Promulgado em 5 de outubro de 1988**: com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 67/2010, pelo Decreto nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais

de Revisão nº 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011. 578 p.

ESTABLET, R. **A Escola**. In: ESTABLET, R.; BAUDELLOT, C. L'école capitaliste en France. Paris, Maspero, 1971, p. 267- 298. Tempo Brasileiro, n. 35, RJ, out/dez 1973, p. 93-125.

FARIA, T. L. S. **As dificuldades de aprendizagem e o papel do professor como facilitador do sucesso escolar**. Disponível em <http://www.fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/20072017204543Tais_Lima_dos_Santos_Faria.pdf>. Acesso em: 22 set. 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. ed. 25. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

FORTES, M. C. Teorias da educação: qual teoria da educação fundamenta meu cotidiano docente?. **Educação Por Escrito**, v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/11220/0>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

GUIMARÃES, H. O.; BATISTA, L. K. S.; BATISTA, E. C. A inclusão escolar e as políticas educacionais: possibilidades e novos caminhos. **Revista FAROL**, v. 5, n. 5, p. 114-128, 2017. Disponível em: <<http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/81>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NETO, A. S.; MACIEL, L. S. B.; LAPOLLI, E. M. **O Professor e as propostas educacionais do *Ratio Studiorum***: algumas reflexões iniciais sobre a prática docente, 2012.

OLIVEIRA, M. V. Algumas concepções sobre o processo escolar no Brasil: como pensar hoje? **Educação e Filosofia**, v. 13, n. 26, p. 7-20, jul./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/761/687>>. Acesso em: 15 nov.2017.

OLIVEIRA, J. S.; BATISTA, E. C.; FERREIRA, D. F. Os contos infantis nas séries iniciais: uma breve contextualização. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/1148>>. Acesso em 05 jan. 2018.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

_____. **Introdução à psicologia escolar**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SAVIANI, D. **Educação brasileira estrutura e sistema**. São Paulo: Autores Associados, 2012.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

SILVA, S. P. Pedagogia do ressentimento: o otimismo nas concepções e nas práticas de ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 230, p. 107-125, jan.-abr. 2011. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/555>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 2017.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2009.

Recebido para publicação em maio de 2019

Aprovado para publicação em junho de 2019